

OUVIR O IDOSO COMO FONTE PARA O PLANEJAMENTO DE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LUIZA LIMA DO AMARAL

Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS

MILLENY NUNES DE AQUINO

Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS

MS. GILSON PACOLA

Mestre em Estudos Fronteiriços pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
Docente da Rede Municipal de Ensino de Corumbá – MS

DR. ROGÉRIO ZAIM-DE-MELO

Doutor em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica – PUC/Rio
Docente do curso de Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS/Campus do Pantanal
Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura Lúdica, Circo, Educação Física e Esporte – CLUCIEFE

Resumo | Trata-se de um relato que narra a experiência realizada nas aulas de Educação Física dos anos finais do ensino fundamental onde se “escutou” o idoso como fonte de pesquisa para o planejamento das aulas. Para alcançar esse propósito foi feita uma visita em um asilo, na cidade de Corumbá-MS, com 17 alunos do 8º ano do ensino fundamental que “escutaram” um grupo de idosos sobre sua infância e brincadeiras que realizavam. A partir da fala dos idosos foram elencados os jogos de que eles mais gostavam, os quais foram usados em planejamento das aulas de Educação Física. A partir das aulas foi possível realizar um resgate de jogos e brincadeiras tradicionais e valorizar a pessoa mais velha.

Palavras-chave | idoso; jogo; educação física.

LISTENING TO THE ELDERLY AS A SOURCE FOR PLANNING PHYSICAL EDUCATION CLASSES

Abstract | This is an account of an experience conducted in Physical Education classes in the final years of elementary school, where the elderly were “listened to” as a source of research for lesson planning. To achieve this, a visit was made to a nursing home in the city of Corumbá-MS, with 17 8th grade students who “listened” to a group of elderly people talk about their childhood and the games they played. Based on what the elderly said, the games they liked best were listed, which were used to plan Physical Education lessons. From the lessons it was possible to revive traditional games and play and to value older people.

Keywords | elderly; game; physical education;

ESCUCHAR A LOS ANCIANOS COMO FUENTE PARA PLANIFICAR LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

Resumen | Este es el relato de una experiencia realizada en clases de Educación Física en los últimos años de la enseñanza primaria, donde se «escuchó» a los ancianos como fuente de investigación para la planificación de las clases. Para ello, se realizó una visita a un asilo de ancianos en la ciudad de Corumbá-MS, con 17 alumnos de 8º grado que «escucharon» a un grupo de ancianos hablar sobre su infancia y los juegos que practicaban. A partir de lo que los ancianos dijeron, se hizo una lista de los juegos que más les gustaban, que se utilizó para planificar las lecciones de Educación Física. A partir de las lecciones fue posible revivir los juegos tradicionales y valorar a las personas mayores.

Palabras clave | anciano; juego; educación física;

O INÍCIO

Diversos fatores levaram ao planejamento de um conjunto de aulas que deram origem a esse relato de experiência: a necessidade de se desenvolver um projeto que atendesse as intenções do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID); alguns dados sobre o conhecimento de jogos, brinquedos e brincadeiras de crianças da cidade de Corumbá-MS; e a vontade de levar as crianças a terem contato com idosos abrigados no Asilo Municipal de Corumbá.

No nosso país, a mistura das culturas dos povos originários que aqui habitavam antes da suposta descoberta (invasão liderada por Pedro Álvares Cabral), dos brancos europeus e dos africanos, que foram brutalmente escravizados, torna difícil identificar a origem dos jogos e brincadeiras praticados pelos brasileiros (Zaim-de-Melo *et al.*, 2023). Esses jogos e brincadeiras fazem parte da construção da identidade brasileira, entendida como um processo que se forma e se reformula de maneira ambígua, efêmera ou duradoura, sendo a incerteza um de seus principais elementos (Bauman, 2020; Hall, 2014).

Os jogos e brincadeiras tradicionais, cujas origens são praticamente indetermináveis, sobreviveram ao tempo (Lavega, 2000) e são transmitidos de forma oral, envolvendo a interação entre avós, pais, familiares ou pessoas afetivamente próximas, ou seja, indivíduos mais velhos ou coetâneos (irmãos, primos ou amigos da mesma faixa etária).

Até meados dos anos de 1990, era comum ver as crianças nas ruas, nos parques e praças, e nos intervalos das aulas escolares realizando um desses jogos, inclusive existiam as brincadeiras mais populares da temporada, aquela que todos jogavam. Guerra (2009) descreve essa situação em sua tese de doutorado, na qual apresenta indícios do bafo (jogado com santinhos de políticos) ser o jogo mais popular da época da sua investigação.

Nos dias atuais, está cada vez mais difícil ver crianças brincando na rua, de esconde-esconde ou polícia e ladrão. O confinamento nas casas, o uso descontrolado das telas, o aumento da velocidade dos carros nas vias urbanas são fatores que contribuem para o distanciamento entre a criança e o brincar (Godoy; Zaim-de-Melo, 2024).

Em uma pesquisa realizada com estudantes do 6º ano do ensino fundamental de Corumbá, cujo objetivo era verificar o conhecimento das crianças relacionado a cinco brinquedos e jogos tradicionais (bolinha de gude, 5 marias, pular elástico, pião e pipa), Zaim-de-Melo *et al.* (2023) comprovaram o distanciamento das crianças em relação a esse jogos, principalmente 5 marias e pular elástico – que os alunos pouco ou não

conheciam. Entre os jogos pesquisados, apenas a pipa era mais conhecida, por ser o brinquedo mais popular da cidade.

Diante desse contexto, começou-se a vislumbrar a ideia de inserir os brinquedos e os jogos tradicionais em aulas de Educação Física, colocando essas práticas corporais como protagonistas das aulas, uma vez que, quase sempre são utilizadas como meio e nunca como fim. O “x” da questão era encontrar um fator motivacional, como levar os alunos mais velhos a se interessarem por outro conteúdo que não fosse o esporte. Surgiu, então, a ideia de “ouvir” o idoso como ferramenta motivacional.

Agora só faltava encaixar em qual local (escola) a ação iria acontecer. Concomitantemente a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul lançava um edital de cadastro de supervisores para o PIBID, o professor selecionado, é um professor questionador, que procura inovar com seus alunos, buscando uma Educação Física que ultrapasse a barreira do fazer por fazer. A busca estava finalizada, as aulas seriam na escola PPM.

OUVINDO O IDOSO

Para que o processo de escuta fosse realizado, houve uma reunião com a direção do asilo, na qual foram explicados os objetivos da visita e a importância dos idosos que lá vivem para o trabalho que seria feito. Após as tratativas, a visita foi liberada. Na escola, foi encaminhada uma autorização para os pais, solicitando a permissão para que seus filhos pudessem ir até o asilo, localizado a aproximadamente 100m da escola.

De posse das autorizações, no dia 18 de agosto de 2023, saíram da escola PPM em direção ao Asilo São José, 17 alunos do 8º ano, acompanhados do professor Pardal e três acadêmicos pibidianos. A chegada no asilo foi cheia de expectativas. O professor Pardal havia preparado o terreno, explicado o que era um asilo, quem eram as pessoas que moravam lá e como para eles era importante receber visitas, pois muitos foram esquecidos por suas famílias.

A visita começou com orientações da assistente social, responsável pelo asilo, que explicou os cuidados necessários para abordar os idosos.

Logo após, os alunos foram conduzidos para as diversas dependências do prédio, onde ocorreram as conversas. Em duplas ou individualmente, a pesquisa começou.

Figura 1 – A escuta



Fonte: Acervo da pesquisa.

As conversas foram orientadas pelo seguinte roteiro: Como foi a sua infância? Do que o senhor costumava brincar? Com quem o senhor brincava? Brincavam na rua? Tem uma brincadeira que o senhor gostaria de ensinar para as crianças de hoje? Como seria essa brincadeira?

Foram abordados em torno de 15 idosos que se dispuseram a conversar. No retorno à escola, algumas crianças se mostraram indignadas: como era possível os familiares abandonarem os seus “velhinhos”? O professor Pardal precisou explicar que, em alguns casos, os idosos não possuíam parentes na localidade.

Os alunos e as alunas, em duplas, anotaram o que ouviram dos idosos, listando os jogos e brincadeiras mencionados: atirar com a funda (estilingue), *bolita* (bolinha de gude), boneca, esconde-esconde, pega-

-pega, soltar pipa, rodar pião, pular amarelinha, pular corda, jogar bozó, baralho e dominó, nadar no rio Paraguai e correr nos trilhos do trem. Com a “escuta” dos idosos, foram planejadas as aulas de Educação Física, diante dos jogos e brincadeiras citados, iniciando uma nova etapa. As atividades foram usadas como conteúdo das aulas e as crianças que realizaram a visita replicaram o que encontraram para os colegas da escola.

JOGANDO

Depois da visita, e com o levantamento realizado, foi feita uma consulta com os alunos e alunas sobre quais jogos, brinquedos e brincadeiras deveriam ser priorizados. Os escolhidos foram: 1) Soltar pipa (agosto é o mês que mais venta em Corumbá, sendo assim, as condições climáticas foram determinantes para essa escolha); 2) Rodar pião; 3) Pular elástico; 4) Jogar *bolita*; 5) Atirar com um estilingue (colocado por último diante da necessidade de construir os aparatos). Cada unidade teve a duração de duas a três semanas. No final de novembro, a escola PPM realizou uma exposição pedagógica e todos os jogos, brinquedos e brincadeiras foram apresentados à comunidade externa.

O início de cada unidade era marcado por uma pesquisa. As crianças tinham como tarefa conversar com os mais velhos da sua comunidade sobre a atividade que seria feita, questionando se já tinham brincado com aqueles objetos, se lembravam como era o jogo, etc. Concomitantemente a essa etapa os alunos faziam uma pesquisa na internet buscando a história dos jogos, brinquedos e brincadeiras, como eles são chamados em outros lugares do Brasil e na Bolívia¹.

1. Corumbá faz fronteira com o município de Puerto Quijarro na Bolívia, em suas escolas encontramos muitos alunos e alunas, brasileiros, cuja primeira língua é o espanhol, que moram na Bolívia e estudam no Brasil

PIPA

As aulas que possuíam a pipa como unidade temática, quando iniciadas vieram com alguns questionamentos, o principal deles é se o grupo sairia da escola para soltar as pipas. Como eram muitos alunos, não seria possível, mas negociou-se com os alunos e alunas que eles levariam as pipas que eles fizeram para suas casas, e que poderiam soltar as pipas, tendo como tarefa, relatar nas aulas de Educação Física como foi. Como relação à pesquisa com os pais, todas as crianças apontaram que pelo menos um dos seus pais já tinha soltado pipa e alguns nomes para a pipa no Brasil foram apresentados: papagaio, pandorga, raia e na Bolívia, cometa.

Após esse processo de apresentação dos nomes, foi apresentado para as crianças o artigo “Uma pipa no céu, uma criança correndo, a brincadeira mais popular de Corumbá-MS” para os alunos, no texto existe uma espécie de glossário da pipa.

Muitos alunos conheciam grande parte dos vocábulos apresentados no artigo, muitas expressões os alunos já conheciam, inclusive houve pequenas discussões quando eles discordavam do significado do termo apresentado no artigo. Como tarefa foi solicitado uma nova pesquisa, os alunos e as alunas deveriam observar pessoas soltando pipa, pois na próxima aula, eles apresentariam como seria soltar pipa, corporalmente falando.

Na aula seguinte, na quadra da escola, os alunos realizaram mímicas, a partir do que foi observado, demonstrando como o seu corpo estaria se naquele momento estivessem soltando pipa. Após essa atividade deu-se início à oficina de pipas.

Figura 2 – Oficina de pipas



Fonte: Acervo da pesquisa.

As pipas foram confeccionadas em duas aulas: na primeira foram feitas as armações e as rabiolas e, na segunda, colou-se o papel de seda e o cabresto (estirante). Cada aluno foi responsável por levar a sua armação para casa e trazer na aula seguinte, o que foi cumprido com afinco. Com as pipas construídas, cada um pôde levar a sua e soltar ao ar livre. O encerramento da unidade pipa se deu com os alunos contando sobre a sua pipa, como foi, se ela voou alto, se foi cortada, etc.

RODAR PIÃO

As aulas com o pião trouxeram uma novidade, as crianças poderiam rodar o pião na aula, ao contrário da pipa, pois a escola tinha espaço para atividade acontecer. Os estudantes estavam curiosos se encontrariam muitos nomes para o brinquedo, mas encontraram apenas “pinhão”, no Brasil, e trompo, na Bolívia. Outra questão levantada por eles foi a

semelhança com o *Beyblade*, afinal, como disse uma aluna “os dois são lançados e os dois giram”.

Em sala, apresentou-se a história do pião² e, depois, os alunos foram para a quadra rodar os piões. Primeiro, os estudantes aprenderam como enrolar a fieira no pião, para depois lançá-lo e rodá-lo. Muitos alunos encontraram dificuldades em realizar a atividade, gerando momentaneamente um leve desânimo, o que foi sanado com a proposta do professor de fazer uma batalha de piões. Desenhou-se no chão um círculo com aproximadamente 0,5m de diâmetro, os combatentes lançavam seus piões, aquele cujo pião permanecia no campo de batalha era o vencedor. Alguns estudantes pediram para levar o pião para casa para mostrar aos pais.

PULAR ELÁSTICO E JOGAR BOLITA

As unidades pular elástico e jogar *bolita* foram realizadas concomitantemente, devido a um grande feriado que teria na cidade, aproveitou-se o tempo sem aula das crianças para realização das pesquisas referentes aos jogos.

O elástico foi apresentado com apoio do Mapa do Brincar³ – desenvolvido pelo jornal Folha de São Paulo. Como o *site* já traz vários nomes para a brincadeira no Brasil, só restava aos alunos pesquisar como esta é chamada na Bolívia. Ao contrário da pipa e do pião, não foi tão fácil encontrar a resposta. A vó de uma aluna solucionou a questão, dizendo que ela e suas amigas faziam um jogo parecido, que se chama liga-liga.

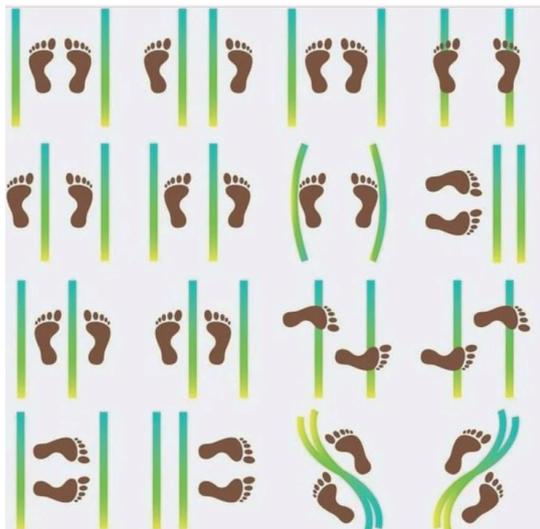
Muitas mães disseram que pulavam muito elástico quando eram crianças, que era febre na hora do recreio. Entretanto, apenas um pai disse participar da brincadeira – fato que chamou a atenção das crianças. Algumas perguntaram se pular elástico não era para meninas. Diante disso, foi feito um desafio: “Vamos pular elástico e depois vocês me falam se

2. Ver informações em: <https://studhistoria.com.br/historia-das-coisas/historia-dos-brinquedos-piao/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

3. Ver informações em: <https://mapadobrinca.folha.com.br/brincadeiras/elastico/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

tem alguma coisa na brincadeira que a identifique de menino ou menina”. Os alunos foram instigados a pular o elástico a partir de um diagrama encontrado no site *grimmt toys*⁴ (Figura 3).

Figura 3 – Os pés e o elástico



Fonte: Grimmt toys.

Após o desafio e muitos saltos, com a dificuldade da altura sendo acrescida, os alunos e alunas, reconheceram que o elástico é uma brincadeira não binária, portanto, independente do gênero, qualquer pessoa pode brincar. Aproveitando a deixa do elástico, utilizou-se a mesma discussão para o jogo com *bolitas*. Os alunos e alunas foram “avisados” que, assim como o elástico, a *bolita* é não binária.

Eles apresentaram os seguintes nomes encontrados para a brincadeira: burica, burquinha, fubeca, peteca, bolinha de gude, entre outros. Foi explicado que no Brasil existem diferentes maneiras de se jogar *bolita*, e que em Corumbá joga-se o “Oco”, em um campo de jogo composto

4. Ver informações em: <https://www.grimmt toys.com.br/elastico-de-pular-multicolorido>. Acesso em: 9 dez. 2024.

por três buracos (ocos) equidistantes dispostos em uma linha reta, as *bolitas* são lançadas em direção aos buracos, com a intenção de “ocar” as três covas no sentido de ida e volta para iniciar a matança (fase em que o jogador lança a sua *bolita* em direção a do adversário; se acertar, ele ganha a *bolita* do adversário).

Na escola PPM, na impossibilidade de cavar três ocas na quadra, jogou-se outra modalidade, o “triângulo”, que foi desenhado na quadra. Cada partida poderia ter cinco jogadores que colocavam uma ou mais *bolitas* dentro do triângulo. A uma distância de 3 a 4 metros do triângulo foi desenhada uma linha reta (raia). Cada jogador lança a sua *bolita* em direção à raia. A que ficar mais próxima da linha indica quem começa a partida. Posicionado atrás da raia, o jogador lança, tentando acertar a *bolita* que está dentro do triângulo. Caso ele acerte e ela saia para fora das linhas, a *bolita* é dele.

Tanto o elástico quanto a *bolita* foram brincadeiras que alguns alunos e alunas pediram os materiais emprestados para brincar no recreio, os quais foram cedidos e, durante o período em que esses jogaram, não foi observada separação de grupos por gêneros.

ATIRAR COM UM ESTILINGUE

Trazer o estilingue para as aulas de Educação Física foi uma questão delicada, pois embora tenha sido um brinquedo para os idosos do asilo, hoje em dia pode ser considerado uma arma, inclusive com projetos de lei no Mato Grosso⁵ e em Ponta Grossa⁶. Mas como muitos idosos afirmaram brincar com estilingue e a intenção do projeto era dar voz a esses indivíduos, escutando-os, encontrou-se uma maneira de realizar a aula com o estilingue.

5. Ver informações em: <https://www.ilisp.org/noticias/nova-lei-regula-porte-de-estilingues-obriga-registro-da-arma-e-proibe-destruir-frutos/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

6. Ver informações em: <https://dcmais.com.br/ponta-grossa/ponta-grossa-podera-punir-cidadao-por-porte-ilegal-de-estilingue/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

Ao contrário do que ocorreu com as outras brincadeiras, devido ao cuidado que se tomou diante da polêmica de ser uma arma ou não, limitou-se a pesquisa das crianças a uma conversa com os seus pais sobre o estilingue. A aula foi realizada na quadra da escola. Encima de um latão de 100 litros foram colocadas embalagens de iogurte e o aluno era posicionado a 5m de distância para realizar seus tiros.

Figura 4 – Tiro ao alvo



Fonte: Acervo da pesquisa.

Nesse contexto, conseguiu-se controlar as variáveis para que os estudantes manuseassem o estilingue de maneira segura, sem que corresse perigo de machucar a si mesmos e os demais colegas. Após a vivência com o estilingue, foi realizada uma roda de conversa, onde explicamos porque em alguns lugares estavam associando o brinquedo a uma arma. Também conversamos sobre como era comum na infância dos idosos utilizar o estilingue para caçar passarinhos – uma prática que não é bem vista nos dias atuais.

REFLETINDO

O que a princípio era uma vontade de dois professores inconformados com uma possível extinção de alguns jogos e brincadeiras tradicionais do Brasil, tornou-se algo muito maior, um projeto em que todos os envolvidos saíram ganhando: os idosos do Asilo São José que puderam compartilhar um pouco da sua história com crianças curiosas, ávidas por conhecimentos; os alunos que aprenderam jogos e brincadeiras de seus pais, quando tinham a sua idade, e perceberam que é possível se divertir sem a necessidade de ter uma tela na mão. Aqueles que foram no asilo saíram sensibilizados com a situação dos idosos no Brasil e muitos estavam combinando com os pais a possibilidade de fazerem outras visitas; os pais da PPM, que reviveram sua infância, através das tarefas dos filhos. Muitos falavam na porta da escola “Ontem eu pulei elástico com o meu filho, a perna ficou doendo, mas foi muito legal”, “Professor, muito obrigado, eu estou me divertindo muito em casa”.

A própria Educação Física também ganhou, enquanto componente curricular que passou a ser mais respeitada tanto na comunidade, com o professor Pardal, legitimando a sua prática, possibilitando discussões de gênero, a partir de uma simples brincadeira tradicional e discussões sobre etarismo, mostrando a importância de se “ouvir” o idoso.

REFERÊNCIAS

ALVES, Julian Marcio dos Santos; ZAIM-DE-MELO, Rogério; RIZZO, Deyvid Tenner de Souza Rizzo. Uma pipa no céu, uma criança correndo, a brincadeira mais popular de Corumbá-MS. *Lúdica Pedagógica*, n. 30, 2019.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GODOY, Luís Bruno de; ZAIM-DE-MELO, Rogério. Brincar ou não brincar na rua: eis a questão? *Conexões*, Campinas, v. 22, p. e024017, 2024. DOI: 10.20396/conex.v22i00.8675682.

GUERRA, Vera Lucia. *Temporadas de brincadeiras*. 2009. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

LAVEGA, Pere. *Juegos y deportes populares-tradicionales*. Barcelona: INDE, 2000.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; ALVES, Elielson Felipe Rodrigues; FABIANI, Débora Jaqueline Farias; SANDOVAL, Gabriel Orenga; SILVA, Luis Felipe Nogueira da; GODOY, Luis Bruno de; SCAGLIA, Alcides Jose. “Aprendi jogar bolita com meu irmão!”: saberes e vivências de crianças do ensino fundamental acerca de brincadeiras tradicionais brasileiras. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*, n. 49, p. 775-781, 2023.

Recebido em: 23/10/2024

Aprovado em: 16/12/2024

Contato: rogeriozmelo@gmail.com